

Prólogo

Acre, Palestina, maio de 1291

— Não temos escolha. Concordamos ou morremos. Todos. Nada podemos fazer.

Pierre de Sevry, marechal dos Cavaleiros Templários na Terra Santa, apoiou a mão esquerda no botão do punho da espada embainhada e fitou o grupo ali reunido. Tinha a túnica branca com o símbolo inconfundível da ordem — a *croix pattée* vermelho-sangue —, usada de várias formas desde 1147 para indicar filiação nessa ilustre companhia de monges guerreiros, rasgada e manchada de sangue, algum era dele próprio. A armadura de placas encontrava-se amolgada; esburacada e danificada devido ao combate quase constante, característica diária do cerco de Acre desde o primeiro ataque dos mamelucos à cidade.

Os mamelucos, uma casta de elite de escravos guerreiros que haviam combatido ao serviço dos governantes egípcios durante mais de um século, tinham assumido o poder no Egito há pouco tempo, pondo fim ao reinado dos descendentes do grande líder muçulmano Saladino. Trinta anos antes, lograram aniquilar por completo um exército mongol em Ain Jalut, a sul de Nazaré, e não eram derrotados desde então. Constituía, sob todos os aspetos, adversários temíveis.

Uma voz sonante ressoou na câmara subitamente silenciosa.

— Por mim, daria de bom grado a minha vida nesta gloriosa missão.

Pierre de Sevry fitou o cavaleiro que falara, um homem que sabia ter dado mostras de evidente bravura nos últimos dias, e assentiu.

— Nenhum de nós duvida da tua coragem nem da tua determinação, meu irmão, e estamos preparados para dar a vida pela honra de Deus, todos os dias, desde que aqui chegámos. Porém, não sinto o mínimo desejo de me sacrificar, ou a algum membro desta ordem, sem razão de ser. Somos um mero punhado de homens, menos de duzentos, e, segundo a última contagem, o sultão Calil reuniu um exército de mais de cento e cinquenta mil soldados, para não mencionar as suas armas de cerco e catapultas e os seus mineiros que estão provavelmente neste momento a abrir túneis no chão sob os nossos pés. Mesmo que, confrontado com a batalha iminente, cada um de nós conseguisse matar quinhentos inimigos, restariam para cima de cinquenta mil. É um combate que não podemos vencer, seja o que for que façamos, ou a coragem que demonstramos. Se decidirmos lutar, é sinal de que estamos decididos a morrer. E se morrermos, então a única hipótese que as forças da cristandade têm de recuperar a Cidade Santa morrerá connosco.

De Sevry fez uma pausa na sua prédica sombria e encarou novamente o grupo de velhos cavaleiros, uma dezena de homens que considerava seus irmãos em Cristo, bem como camaradas de armas de maior confiança. Sem exceção, arvoravam um ar abatido e cansado devido às mais de seis semanas de combate corpo a corpo, implacável e brutal, enfrentando hordas fervilhantes de atacantes mamelucos que se tinham lançado, onda após onda, contra eles.

Desde o início que as armas de cerco e as catapultas do sultão tinham arremessado mísseis contra a cidade, tendo como alvo a enorme muralha exterior que rodeava Acre. Guarnecida com dez torres separadas e volumosas, possuindo a torre de entrada principal paredes com dez metros de espessura, a muralha formava uma estrutura colossal, perfeitamente inexpugnável aos olhos de alguns habitantes. Mas isso não se verificara.

Além dos cavaleiros da Ordem dos Templários, a guarnição sitiada incluía cavaleiros da Ordem do Hospital e da Ordem Teutónica. Uma força conjunta de Templários e Hospitalários vira-se e desejara-se para repelir um ataque assanhado perpetrado pelos soldados mamelucos na Porta de Santo António, corria o dia 15 de maio. Contudo, os indícios eram claros: o cerco só acabaria de uma maneira, e todos dentro da fortaleza tinham consciência disso.

Três dias mais tarde, um som semelhante a um descomunal trovão ecoara nas velhas pedras das muralhas citadinas, à medida que todos os tambores de guerra dos atacantes mamelucos soaram em uníssono. O barulho aumentou rapidamente, ensurdecendo por completo as pessoas dentro da cidade. E depois, com uma celeridade quase chocante, o rufar dos tambores cessou e registou-se um momento de absoluto silêncio.

Surgiram de imediato os berros, o som tremendo de dezenas de milhares de vozes a bradar aos céus gritos de batalha. A seguir, linha após linha, os soldados mamelucos tinham começado a correr, impetuosos, pelo terreno irregular em direção às fortificações, convergindo na estrutura danificada, de todos os lados em simultâneo, as espadas desembainhadas a cintilar como um mar de prata aos raios do sol da manhã. Por cima deles, o céu escurecera quando dezenas de milhares de setas voaram, à medida que os arqueiros faziam pontaria aos soldados que guardavam as muralhas. Fora o início de um ofensiva total e implacável sobre a cidade.

Escusado será dizer que não eram apenas os soldados mamelucos que os defensores da cidade tinham pela frente. O sultão montara uma série de armas de cerco, catapultas e trabucos enormes que lo-gravam arremessar pedras variando em envergadura, desde o tamanho da cabeça de um homem a pedregulhos pesados de um metro de diâmetro, que exigiriam que uma dúzia ou mais de homens os erguessem e posicionassem nas armas.

Assim que os tambores de guerra se calaram, as armas de cerco foram disparadas: as pedras ergueram-se em arco para o céu antes de mergulharem em direção à terra com força devastadora, obliterando tudo e mais alguma coisa. Por várias razões, as armas eram imprecisas, mas havia tantas que a precisão não constituía um problema. O punhado de pedregulhos que se tinha esmagado contra a muralha interior das defesas de Acre provocara danos significativos, e muitas das pedras que haviam falhado esse alvo atingiram a zona para lá das defesas, provocando uma total carnificina entre soldados e civis que tiveram a infelicidade de se encontrar na zona de impacto.

A primeira brecha numa das torres, a chamada Torre Maldita, ocorrera naquele dia, e os atacantes tinham-se precipitado de rol-dão como um enxame através da abertura na muralha, forçando os

cristãos sitiados a recuar para a linha seguinte de defesa, a muralha interior, sempre a pelejar.

Nesse mesmo dia, dera-se o trágico incidente que colocara inesperadamente Pierre de Sevry na posição de comando dos escassos Templários que restavam.

Guillaume de Beaujeu, grão-mestre da ordem, fazia uma breve pausa quando lhe disseram que os atacantes mamelucos tinham forçado a entrada na cidade. Sem esperar para envergar a armadura de placas, Guillaume saía a correr e ocupara o lugar que lhe competia na linha da frente, como era norma entre os grão-mestres templários, aprestando-se a brandir letalmente a sua espada de dois gumes contra o enxame de sitiantes mamelucos.

No calor da batalha, de arma em punho, preparava-se para golpear outro atacante quando uma seta o atingiu por baixo do braço. A armadura completa devia ter travado o projétil, mas a cota de malha que usava não foi forte o suficiente para o desviar. A seta provocara-lhe um ferimento fatal, e morrera no mesmo dia.

Na linha da frente, o oficial mais graduado era Pierre de Sevry, e, quando Guillaume de Beaujeu soltara o seu último suspiro, o marechal dos Cavaleiros Templários assumira, relutante, o manto da liderança. Mas era evidente que existiam poucas hipóteses de Pierre de Sevry manter o título que herdara. Pelo menos, nisso pareceram acreditar todos os cavaleiros até que, dias mais tarde — concretamente a 25 de maio —, um emissário desarmado enviado pessoalmente pelo sultão Axerafe Calil chegara às portas do castelo dos Templários, portador de uma proposta inesperada.

Com efeito, após a muralha exterior ter sido flanqueada, as forças dos mamelucos tinham rapidamente conquistado vantagem depois de a muralha exterior ter sido fendida. As defesas menos substanciais da muralha interior não se haviam saído muito melhor, tendo a primeira brecha ocorrido na zona controlada pelos Hospitalários. No decorrer da peleja, o seu grão-mestre, um oficial que, à imagem e semelhança de Guillaume de Beaujeu, encabeçava o comando das tropas, fora seriamente ferido. As forças dos mamelucos precipitaram-se pela abertura criada na muralha, permitindo ao exército atacante arrombar a Porta de Santo António e aceder, sem quaisquer entraves, ao interior da fortificação.

De uma assentada, hordas de atacantes afluíram em massa, chacinando de forma indiscriminada soldados e civis.

A batalha alastrara em campo aberto dentro da muralha, mas o resultado nunca deixara dúvidas: a cidade ameaçava cair nas mãos dos atacantes. Sempre a lutar, os defensores foram forçados a recuar diante das vagas de mamelucos determinados, retirando-se para a segurança do mar e para os barcos que restavam, ou refugiando-se no castelo dos Templários, o derradeiro reduto por conquistar.

Os mamelucos não tardaram a levar a melhor, e nas ruas e nos edifícios ecoaram os uivos de agonia de feridos e moribundos. Aos que não tinham conseguido esconder-se, nem escapar, não foi concedido quartel. Assim que a cidade foi capturada, os soldados mamelucos percorreram com firmeza as filas dos prisioneiros, arrastando todos os homens e idosos de ambos os sexos, bem como bebês, e executaram-nos de forma sumária. Rapazes novos e mulheres em idade fértil foram poupados e agrilhoados, a fim de serem mais tarde vendidos como escravos, ou pior.

Mas, apesar da esmagadora superioridade numérica e dos recursos do exército ocupante, um único edifício, o forte dos Templários, localizado na extremidade sul da cidade, permanecia de pé, pesado e sólido, tendo, vá lá saber-se como, logrado resistir e repelir todas as ofensivas que os mamelucos lançaram contra ele.

A maioria dos Cavaleiros Templários — que é como quem diz, os desditosos que restavam — podia ter escapado por mar, pois a fortaleza possuía o seu acesso próprio constituído por um pequeno cais de carga, onde um punhado de barcos permanecia ancorado, mas Pierre de Sevry e os seus companheiros nunca haviam considerado essa opção. Por uma razão muito simples: mesmo antes de a muralha exterior ter sido fendida, um grupo de mulheres esfarrapadas e desesperadas, muitas com os bebês e as crianças mais velhas a reboque, procurara refúgio na fortaleza. O credo dos Templários era simples e inviolável: um dos seus deveres consistia em proteger os inocentes. Como não havia espaço nos barcos para fugirem todos, tinham jurado lutar até ao fim.

Único obstáculo no caminho do sultão, a fortaleza aguentara-se durante cinco dias, e as sólidas muralhas exteriores ameaçavam ruir sob o assalto obstinado das armas de cerco. Este insucesso das tropas no sentido de eliminar o grupo restante de soldados inimigos tinha

obviamente exasperado o líder dos mamelucos, pois ao sexto dia os ataques tinham cessado de súbito e uma única figura desarmada, acenando uma bandeira branca de tréguas, avançara até às imensas portas de madeira que protegiam o acesso ao castelo.

Era precisamente a proposta transmitida por esse homem que os líderes templários discutiam. A acreditar no sultão, e nem todos os Templários partiam do princípio de que essa sugestão fosse um dado adquirido, em troca da rendição da fortaleza, o sultão mameluco estava disposto a permitir que as mulheres e crianças abrigadas lá dentro pudessem sair da edificação sãs e salvas. Mais, os próprios Templários podiam partir, levando com eles as armas e tudo o que conseguissem transportar. Tratava-se de uma proposta por demais generosa, daí que os Cavaleiros Templários logo suspeitassem dela.

Possivelmente desconfiavam, tal como o sultão, que a fortaleza acabaria por cair às mãos do inimigo. Nenhuma edificação ou guarnição militar podia resistir para sempre, sobretudo quando confrontada com tamanha disparidade de forças. Se calhar, o líder mameluco começava a ficar impaciente, ou, então, como sugeriu um dos cavaleiros, talvez quisesse evitar novas mortes entre os seus homens, embora a forma como conduzira a campanha sugerisse tratar-se de uma consideração deveras improvável da sua parte.

— Não confio neste infiel — declarou outro cavaleiro. — O que o impede de nos ceifar a todos, assim que abandonemos a segurança do castelo?

— Nada — admitiu Pierre de Sevry de uma assentada. — Podiam chacinar-nos em segundos. Mas talvez fosse preferível uma morte rápida em campo aberto, homem contra homem, em vez de sermos esmagados sob as pedras das muralhas quando as armas de cerco terminarem a sua missão.

Olhou de novo em volta. Os outros cavaleiros da Ordem fitaram-no com firmeza, arvorando expressões duras e determinadas.

— Se aceitarmos esta proposta — continuou —, há uma hipótese de podermos sair deste lugar com as mulheres e as crianças que confiaram as suas vidas e as suas almas ao nosso cuidado e à nossa protecção. Se a rejeitarmos, tanto nós como os inocentes acabaremos por morrer, e, como disse antes, a única verdadeira religião que servimos perderá a última esperança de alguma vez recuperar a Terra Santa.

Fez uma curta pausa.

— Bem sei que é um fardo pesado de suportar, pois estarão a falar em nome dos vossos companheiros que não têm voz na matéria, e uma decisão difícil de tomar, mas o enviado solicita e exige uma resposta. Ou uma coisa ou outra. Por isso, o que lhe digo?

Durante alguns segundos, nenhum dos cavaleiros munidos de armadura respondeu. Depois, um indivíduo deu meio passo em frente.

— Não estou preocupado com a minha vida — resmungou —, mas o mestre tem razão. Aceitámos à nossa guarda as mulheres e crianças que se refugiaram no interior da nossa fortificação. Se não acedermos a esta proposta, inocentes estão condenados a morrer ou a terminar as suas vidas como escravos. Se concordarmos em abandonar este castelo, como o mameluco solicitou, há pelo menos uma hipótese de podermos continuar a oferecer a nossa proteção a estas pessoas. Voto para que aceitemos.

Pierre de Sevry notou que vários outros cavaleiros tinham anuído, em sinal de concordância.

— Muito bem — declarou, pousando o olhar em cada membro do grupo. — Devo depreender que todos aceitam essa sugestão? Se assim for, que falem agora.

Nenhuma voz dissidente se fez ouvir, e o grão-mestre recém-eleito assentiu.

— Muito bem. Retomem os vossos postos, irmãos, e tragam-me o emissário do sultão. Eu próprio falarei com ele.

No espaço de uma hora, um grupo de cerca de cem mamelucos, uma força significativa de cavaleiros armados com cimitarra e adaga curva montadas num cinto usado por cima das vestes, avançou com ousadia em direção às portas cerradas do castelo dos Templários. Porém, Pierre de Sevry, que testemunhara a movimentação das tropas da muralha fortificada com ameias, ordenou que esta fosse aberta, mal se assegurou de que aqueles homens estavam suficientemente perto para penetrar na edificação.

Empoados, os mamelucos penetraram na fortificação, estudando atentamente os defensores debilitados e esgotados que haviam resistido aos seus ataques durante tanto tempo. À semelhança dos cruzados, muitos membros da Ordem dos Templários falavam um

pouco de árabe, mas quando o líder do grupo mameluco transmitiu a primeira exigência, nenhum dos cavaleiros presentes fez menção de a aceitar. Porém, durante a conversa anterior com o emissário, Pierre de Sevry ficara a par das intenções dos soldados inimigos e, ainda que com relutância, concordara. Numa voz cansada e resignada, deu instruções a um dos seus acólitos para que fossem conduzidos ao ponto mais alto do castelo, onde se erguia o mastro da bandeira.

Foram precisos apenas alguns segundos para arriar a bandeira dos Cavaleiros Templários — a famosa *Beauséant* preta e branca — e substituí-la pelo estandarte pessoal do sultão. Quando a nova bandeira chegou ao cimo do mastro, uma brisa leve fê-la esvoaçar, revelando as cores e o desenho. O contingente mameluco reagiu sem hesitação, soltando vivas entrecortados, seguido do troar estrondoso de aprovação por parte dos membros do exército circundante. O sultão Axerafe Calil encontrava-se agora na posse do castelo, e os habitantes, segundo as condições que Pierre de Sevry acordara com o enviado, teriam vinte e quatro horas para abandonar a cidadela.

No pátio inferior, vários cavaleiros tinham começado já a arrumar os poucos pertences, preparando-se para partir, e, noutros locais, grupos de mulheres e crianças que tinham procurado refúgio no edifício começavam a reunir-se. No meio destes preparativos apressados, os soldados mamelucos avançavam, confiantes na sua superioridade e na sua invulnerabilidade, sobre o território inimigo.

Num dos lados do pátio, acompanhado de um grupo de anciãos, Pierre de Sevry observava a atividade com olhos plenos de amargura.

— Quando sairmos deste lugar — declarou o grão-mestre baixinho —, assegurem-se de que os braços das espadas estão sempre preparados. Podemos sair em liberdade, mas isso não significa que consigamos passar facilmente através das linhas inimigas.

— Não confias nos infieis?

— Não — replicou de Sevry em tom categórico. — Poderão estar a planear cair-nos em cima, mal nos retiremos. Como disse antes, se permitirmos que o cerco continue, arriscamo-nos a trocar uma morte rápida e honrosa por um processo mais prolongado de perecer. Mas em breve saberemos.

Um grito estridente, prontamente silenciado, ecoou dentro das muralhas de pedra cinzenta da fortaleza. Ato contínuo, os cavaleiros reagiram.

Produzindo um deslizante som metálico, sacaram as espadas das respectivas bainhas, esforçando-se por identificar a ameaça invisível.

— Espalhem-se! — ordenou o grão-mestre. — Descubram o que se passa.

Os cavaleiros dispersaram-se em diferentes direções, tentando identificar a origem do som. Não demoraram muito a descobrir.

Um dos cavaleiros mais velhos dobrou a esquina e, ao penetrar numa viela, viu-se confrontado com uma cena pavorosa. Dois soldados mamelucos, deparando-se com uma mulher e o seu jovem filho, tinham-nos atacado. A mulher jazia de costas, inconsciente, o rosto ensanguentado e pisado, enquanto o mameluco se debruçava sobre ela. O rapaz dava acordo de si, mas o segundo mameluco silenciara-o de forma eficaz atando-lhe um pedaço de pano à volta do pescoço: dobrado para a frente sobre um barril, as roupas rasgadas em pedaços, a fim de permitir que o mameluco o penetrasse por trás.

O cavaleiro não hesitou. A cena diante dos seus olhos representava uma afronta a todos os princípios da ordem e à mais elementar decência humana. De espada em punho, alcançou em duas céleres passadas o infiel que se preparava para sodomizar o rapaz. Agarrando nele pelo ombro, puxou-o para trás e brandiu a espada num arco letal. A lâmina larga de dois gumes enterrou-se profundamente no corpo do homem.

O outro mameluco pôs-se à pressa de pé e estendeu a mão para a sua cimitarra curva, mas não teve tempo de a sacar. Quando o primeiro homem caiu para trás, já morto, o cavaleiro puxou a lâmina e rodou-a na direção do segundo mameluco. A ponta da espada cortou o braço direito do soldado inimigo, acima do cotovelo, e o homem soltou um grito de dor. Instantes depois, o cavaleiro inverteu a direção da lâmina e passou a ponta através do pescoço do mameluco, decapitando-o instantaneamente. O corpo desabou no chão ao mesmo tempo que a cabeça rolava para um lado.

O cavaleiro ficou ali parado por segundos, a espada na mão e pronta a ser usada, caso se deparasse com outro perigo. Momentos mais tarde, ouviu som de passos a correr que se aproximavam e virou-se para enfrentar a potencial ameaça, erguendo a espada com ambas as mãos.

Ao ver que o homem não era um mameluco, mas sim outro membro da hierarquia templária, apressou-se a baixar a arma.

O recém-chegado embainhou a espada, sem tirar os olhos dos dois cadáveres.

— Nunca devíamos ter confiado nestes infiéis — disse com amargura.

Avançou para o sítio onde o rapaz ainda se achava de braços e pernas afastados, por cima do barril, retirou o pedaço de pano do pescoço e ajudou-o a pôr-se de pé.

O primeiro cavaleiro curvou-se ao lado da vítima decapitada e limpou o sangue da lâmina da sua espada com o manto do mameluco. A seguir, embainhou a arma e ajoelhou-se junto à mulher que fora violada. Continuava inconsciente, mas ainda respirava. O cavaleiro compôs-lhe as roupas para lhe tapar as coxas e as virilhas, proporcionando-lhe um pouco de decência, e levantou-se.

Minutos depois, o próprio Pierre de Sevry apareceu acompanhado de dois velhos cavaleiros, refletindo no rosto a fúria que sentia perante o sucedido.

— Fui talvez demasiado precipitado, mestre — disse o primeiro cavaleiro, hesitante —, mas quando vi o que estava a acontecer, reagi de forma instintiva.

De Sevry abanou a cabeça.

— Não, meu irmão. Fizeste o que qualquer homem decente faria.

Após uma pausa, assentiu. A decisão estava tomada. Virou-se para os cavaleiros que estavam a seu lado e pronunciou três ordens simples.

— Procurem-nos — decretou. — Encontrem-nos e matem-nos a todos. Depois de terem feito isso, rasguem aquele pano e icem o estandarte de guerra dos Cavaleiros Templários em seu lugar. E a seguir tragam o Tibauld de Gaudin à minha presença.

— Não estou lá muito satisfeito com isto — confessou Tibauld de Gaudin, sentado à mesa diante do grão-mestre. — Sinto que o meu lugar é aqui, contigo e com os outros membros da nossa ordem, até ao fim.

Pierre de Sevry concordou com a cabeça.

— Sei disso — replicou —, mas temos de considerar a situação no seu todo. Por causa do que sucedeu aqui, hoje, e seja o que for que aconteça amanhã, esta fortaleza acabará por cair nas mãos do inimigo.

Talvez não esta semana, nem na próxima, mas dentro de um mês as armas de cerco e os mineiros terão surtido efeito e as muralhas cederão. Sei que não te preocupas com a tua vida, mas temos a nosso cargo mulheres e crianças e a única esperança que elas têm és tu, meu irmão. Já dei ordens aos homens para carregarem os baús no navio. Assim que tiverem concluído esse trabalho, quero que leves para bordo o maior número de mulheres e crianças que a embarcação consiga aguentar e navegues nas asas do vento para Sídon, rumo ao nosso castelo. Isso permitir-nos-á salvar alguma coisa do desastre de Acre, nem que seja apenas a vida dos inocentes.

— Muito bem — respondeu Tibauld de Gaudin —, se essa é a ordem que me dás, naturalmente que obedecerei. Quando chegar a Sídon, organizarei uma força que navegue até aqui a toda a brida.

— Não te dês a esse trabalho, meu amigo. Tenho a sensação de que tudo isto terminará muito antes da chegada de reforços.

Naquela noite, enquanto ainda havia luz, a galera que fora atribuída a Tibauld de Gaudin, o tesoureiro dos *Pauperes commilitones Christi Templique Salomonici* no *Outremer*, o ultramar, afastou-se lenta e silenciosamente da doca protegida pelo castelo templário. Por cima da quilha, alinhava-se meia-dúzia de baús revestidos a ferro e trancados. Sentadas ou de pé nos escassos centímetros quadrados disponíveis do convés, encontravam-se as mulheres e crianças que tinham tido a sorte de ser escolhidas.

A galera afastou-se célere da costa, rumo ao ocidente, de forma a distanciar-se o mais depressa possível dos arqueiros do exército mameluco sitiante. Só quando a tripulação teve a certeza de se encontrar fora de alcance, a sobrecarregada embarcação iniciou uma viragem lenta e algo difícil para estibordo, em direção ao norte, preparando-se para uma viagem de cinquenta milhas a subir a costa, até Sídon.

Nesse tempo, era raro uma embarcação navegar à noite, por várias razões, mas não restava outra opção. Além disso, contavam com um instrumento que os ajudou na missão. Ao lado do homem do leme, iluminado por uma lamparina de azeite resguardada, havia um pequeno recipiente de água no qual boiava um pedaço de madeira com uma barra fina de metal, apresentando numa das extremidades uma camada de tinta vermelha. Os Templários tinham sido uma das

primeiras ordens a usar uma bússola básica, e ainda havia discussões sobre como e por que razão funcionava, mas a opinião pragmática é que assim acontecia. Fosse por que motivo fosse, a ponta vermelha do metal apontava sempre na mesma direção — e isso era tudo o que os marinheiros precisavam de saber.

Na popa da embarcação, atrás do homem do leme, Tibauld de Gaudin contemplou Acre. Algumas luzes tremeluziam no castelo templário, as tochas colocadas em suportes nas muralhas das ameias. Para lá delas, avistou a claridade muito mais brilhante e mais óbvia das fogueiras a arder que delineavam a linha da frente do exército sitiante. Tibauld de Gaudin, na galera lenta, ficou a olhar até não conseguir vislumbrar senão um brilho amarelado no céu. Depois abandonou o seu posto para fitar com igual intensidade a escuridão da noite na dianteira do navio.

Sabia de ciência certa que nunca mais veria nenhum dos seus irmãos templários.

E estava certíssimo nesta sua convicção.

Na manhã a seguir a Tibauld de Gaudin ter escapado, algo relutante, da cidade condenada de Acre, outro emissário aportou ao reduto dos Templários com nova mensagem do sultão, em resposta à breve explicação que Pierre de Sevry fornecera para o facto de os Templários terem permanecido no castelo. Segundo o enviado, o grupo de mamelucos que invadira a fortaleza no dia anterior era constituído, como não podia deixar de ser, por homens culpados que tinham agido de forma inaceitável. Mais, o sultão estava tão embaraçado com a sua conduta que pretendia pedir desculpas pessoalmente ao comandante das forças templárias e dar a sua garantia pessoal de que as condições acordadas para a rendição da fortaleza seriam respeitadas.

Olhando para trás, os Templários deviam ter tido mais juízo e nem sequer lhe dar ouvidos. Porém, segundo os desejos expressos do sultão, Pierre de Sevry e um punhado dos seus cavaleiros mais respeitáveis saíram da fortaleza e marcharam em direção ao exército agressor. Assim que se encontraram fora do alcance dos arcos, foram cercados, rapidamente desarmados e forçados a ajoelhar-se, e, um por um, decapitados ao som do rufar espaçado de um tambor de

guerra mameluco. Os defensores do castelo observaram, horrorizados, mas impotentes para intervir.

Se um comandante caísse no campo de batalha, ou, por alguma razão não pudesse continuar no seu posto, os membros da ordem elegiam um novo líder e continuavam a combater. Era um dos pontos fortes da Ordem dos Templários. Como de costume, foi eleito um cavaleiro dos mais experientes para comandar a força dentro do castelo, pese embora a continuidade no cargo ameaçasse ser ainda mais curta do que a do seu predecessor.

Três dias após a partida de Tibauld de Gaudin, os mineiros mamelucos pegaram fogo à madeira empilhada nos túneis escavados do castelo, e, numa questão de horas, surgiu a primeira racha na muralha afastada da estrutura. Ato contínuo, para cima de dois mil soldados mamelucos atacaram a edificação, estes em número superior aos defensores entrincheirados, à razão de mais de dez para um.

Porém, quando teve início a batalha final pela conquista do castelo dos Templários, outras seções da muralha que haviam ficado seriamente debilitadas pelas operações de escavamento dos túneis aluíram, esmagando a maioria dos atacantes, bem como quase todos os defensores. Mal a poeira assentou, no verdadeiro sentido da expressão, centenas de tropas de mamelucos invadiram as ruínas, chacinando os cristãos que encontraram pela frente.

Em Sídon, logo que a notícia da queda de Acre chegou ao Castelo do Mar, Tibauld de Gaudin foi eleito grão-mestre da ordem dos Cavaleiros Templários no Outremer, embora sob o seu comando lutassem agora apenas algumas dezenas de cavaleiros. Cerca de uma semana depois de ter descarregado em segurança a carga humana em Sídon, regressou à galera e ordenou à tripulação que voltasse a navegar para o Mediterrâneo oriental, rumo à ilha de Chipre, na altura propriedade dos Templários, a fim de angariar reforços para proteger e defender as últimas praças-fortes dos Templários na Terra Santa.

Mas Tibauld de Gaudin não foi bem-sucedido, e a força de resgate que esperara criar nunca se materializou. Após a sua partida, a cidade de Sídon foi atacada e não tardou a cair às mãos do gigantesco exército de saqueadores mamelucos. Os poucos cavaleiros sobreviventes, escudeiros e sargentos da ordem, retiraram-se para Tortosa,

mas essa praça-forte, tal como o derradeiro castelo dos Templários na Terra Santa, Atlite, foi abandonada em agosto desse ano, ainda antes de os mamelucos terem lançado ataques a qualquer um dos fortes.

O último reduto dos Templários sobreviventes, que se contavam pelos dedos das mãos, acabou por ser a minúscula ilha-cidadela de Arruade, situada três quilómetros ao largo da costa. Resistiu durante algum tempo, mas, em 1303, também ela foi sitiada e capturada pelos mamelucos vitoriosos. Os defensores que conseguiram sobreviver ao cerco foram chacinados de forma aleatória, assim que as muralhas se desmoronaram, ou agrilhoados e enviados para o Cairo, a passo de marcha, onde os lançaram nas masmorras, acabando mais tarde por morrer devido à fome e aos maus-tratos.

Tibauld de Gaudin culpou-se pelo fracasso em angariar reforços. Tinha apelado a voluntários para combater os infiéis como simples dever cristão e tentara contratar soldados mercenários, sem qualquer êxito. Saltava à vista que até os mercenários estavam cientes de que atacar os mamelucos era optar por uma forma invulgar de suicídio — nenhum dinheiro representaria incentivo suficiente.

Com efeito, as forças cristãs estavam condenadas a nunca mais ocupar a Terra Santa. As cruzadas terminaram, e, em menos de vinte anos, os *Pauperes commilitones Christi Templique Salomonici*, os Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, deixariam de existir, traídos pela ganância, cupidez e traição do rei de França, Filipe, o Belo.

Menos de dois anos após a queda de Acre, Tibauld de Gaudin morreu amargurado e destroçado, sucedendo-lhe como grão-mestre Jacques de Molay, um dos cavaleiros que o tinham acompanhado a Sídon, e depois a Chipre, com o qual passara longas horas a confabular em privado.

Durante uma dessas conversas intimistas, já no final da vida, Tibauld de Gaudin transmitiu, relutante, ao homem que lhe sucederia, uma informação crucial. Jacques de Molay guardá-la-ia ciosamente durante o seu mandato como grão-mestre dos Cavaleiros Templários, até ao estertor da própria vida nas chamas ditas purificadoras da pira de execução, em Paris.